

18/12/56

Pressa

— QUE acabe logo de uma vez este danado deste ano! —
me diz uma impaciente amiga.
Digo-lhe que não se apresse; mais duas semanas e lá
se vai 1956 para o lixo.

Quem sabe que nesse finzinho não dá uma aragem
boa? Houve muitas melancolias; e não posso esquecer que
na hora mesmo em que escrevo Santa Rosa deve estar sendo
enterrado. Não fui ao entêrro; vou a poucos. Santa Rosa
também não iria ao meu; talvez pensasse em ir, mas se
distrainha e lá pelas cinco da tarde talvez dissesse a um
amigo: «pois é, eu estava querendo ir ao entêrro do Braga
e afinal não fui». Isso com aquela suavidade, que era dele.

Morreu também o sonho do tetra-campeonato. Consola-
se o Flamengo mandando José Lins do Régio para a Aca-
demia. Salve o brasileiro José Lins do Régio, contador de
histórias de seu povo, homem de cabeça e de coração.
Salvemos também Gustavo Corção, que fez 60 anos e ga-
nhou bela homenagem; e, guardando maiores expansões
para o ano que vem, salvemos ainda Oscar Niemeyer, que
na semana passada fez 49.

Visitei os novos escritórios da Livraria José Olímpio Edi-
tôra; é mesmo como diz o poeta Tiago de Melo: «parece
um Ministério». Anunciarei que tenho lá um livro de crô-
nicas para sair, «A cidade e a roça», título simples inspirado
naturalmente no bom Eça. Está todo composto, paginado,
revisto, emendado — mas e a capa? Dirijo publicamente
esta pergunta ao desenhista Athos Bulcão, relapso capista,
fantasmal capista; aonde estás, oh capista Bulcão?

Lá se vai 56; confesso que a mim me deixará alguma
saudade; andei, virei, mexi, vivi. Lá fora, na tarde prateada
de sol fraco, está caindo, silenciosa e invisível, a chuva de
estrôncio 90. Se ela aumentar muito, acabará com este
mundo. Este mundo que na verdade não é grande coisa,
mas é o único de que dispomos no momento. Ora, pois,
aproveitemo-lo, oh minha doce amiga.